

# Comportamento autoclítico nos repertórios interpessoais passivo, agressivo e assertivo

*(Autoclitic behavior in passive, aggressive, and assertive interpersonal repertoires)*

**Rafael Rubens de Queiroz Balbi Neto\***, **Elizeu Batista Borloti\*<sup>1</sup>** y **Verônica Bender Haydu\*\***

**\*Universidade Federal do Espírito Santo**

**\*\*Universidade Estadual de Londrina**

**(Brasil)**

## RESUMO

No Treinamento de Habilidades Sociais (THS), os repertórios interpessoais (passivo, agressivo e assertivo) são definidos por suas consequências. Para contribuir com a perspectiva comportamental do THS, este estudo visou analisar os processos autoclíticos em comportamentos verbais passivos, agressivos e assertivos de pessoas adultas. Foram analisados os discursos de quatro participantes-atores (dois de cada sexo) e de dois interlocutores-confederados (de ambos os sexos) durante a aplicação da Escala de Avaliação da Competência Social. Os participantes-atores interpretaram personagens com discurso de repertório predominantemente passivo e agressivo, e os interlocutores-confederados, assertivo. Os dados demonstraram: discursos agressivos mais competentes socialmente do que os passivos; discursos agressivos caracterizados por frequências absolutas elevadas de autoclíticos (especialmente quantificadores e relacionais); porcentagens elevadas de autoclíticos qualificadores ou manipulativos compuseram discursos com a propriedade passividade; quantificadores e relacionais compuseram discursos assertivos. Conclui-se que: autoclíticos descritivos e manipulativos podem sinalizar incompetência social ou baixa assertividade; autoclíticos qualificadores, competência social ou assertividade; autoclíticos qualificadores parecem estar fortemente relacionados ao discurso passivo; e os relacionais parecem estar funcionalmente atrelados à defesa dos direitos. Este estudo contribui com a análise funcional do comportamento verbal dos repertórios-foco do THS.

*Palavras-chave:* comportamento verbal, relações interpessoais, habilidades sociais, assertividade, agressão.

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Elizeu Batista Borloti. Universidade Federal do Espírito Santo. Avenida Copacabana, 569/68, Morada de Laranjeiras, Serra-ES, CEP 29.166-820. E-mail: borloti@hotmail.com

## ABSTRACT

In the Social Skills Training (SST), interpersonal repertoires (passive, aggressive and, assertive) are defined by their consequences. To contribute to the behavioral perspective of SST, this study aimed to analyze the autoclitic processes in passive, aggressive, and assertive verbal behaviors of adults. The speeches of four actor participants (two of each sex) and two confederate interlocutors (of both sexes) were analyzed during the application of the Social Competence Assessment Scale. Actor participants played characters with predominantly passive and aggressive speech repertoires and confederate interlocutors played characters with an assertive repertoire. Two participants of different sexes first played an aggressive followed by a passive character; the two other participants played them in reversed order. The data demonstrated that: (a) socially competent aggressive speeches occurred more often than passive ones; (b) aggressive speeches are characterized by higher absolute frequencies of autoclitics (especially quantifier and relational); (c) high percentages of qualifiers or manipulatives autoclitics composed passive discourses; and (d) quantifiers and relational autoclitics integrated the assertiveness property of speech. We concluded that the descriptive and manipulatives autoclitics can signal social incompetence or low assertiveness, and the quantifying autoclitic can signal social competence or assertiveness. Furthermore, qualifying autoclitics probably are strongly related to passive speech, and relational autoclitics seem to be functionally related to situations evolving the defense of rights, showing high frequency in assertive and aggressive discourses. This study contributes to the functional analysis of verbal behavior of passive, aggressive, and assertive repertoires in SST. The description and analysis of lexical autoclitic verbal components of assertive, aggressive, and passive discourses in an interpersonal context, like those analyzed in this study, can be used as behavioral-analytic guidelines for SST studies.

*Keywords:* verbal behavior, interpersonal relations, social skills, assertiveness, aggression.

Os comportamentos interpessoais agressivo, passivo e assertivo são descritos no campo de pesquisa e intervenção das habilidades sociais (HS) contextualizados como presentes ou ausentes em conjuntos de respostas agrupados como habilidades sociais (cf. Caballo, 2003). Contudo, esse campo é marcado por afirmações cognitivistas. Caballo, por exemplo, divide os componentes das HS em comportamentais, cognitivos e fisiológicos. Dentre os comportamentais, aponta como subcomponentes os “não verbais” (olhar, sorriso, gesto, expressão facial, postura corporal, posição do corpo no espaço), os “paralinguísticos” (volume, timbre, tom, inflexão, clareza, velocidade da fala) e os verbais (instruções, perguntas, comentários, conversas informais e outros). Ao descrever os componentes “não verbais” e “paralinguísticos” (NV&P), Caballo não os considerou como comportamentos verbais, ou propriedades deles, nas diferentes formas de comunicação, conforme apontou Balbi Neto (2016). Isso pode ter afastado os analistas do comportamento da teorização no campo das HS.

Na perspectiva da Análise do Comportamento, alguns conjuntos de respostas agrupadas como HS, por produzirem consequências comuns, podem ser definidas como uma classe de respostas. A classe HS assertivas, por exemplo, envolve a expressão/demonstração de eventos encobertos (e.g., atitude, entendida como expressão, em geral com função de tato, de estímulos privados relacionados à preferência pela probabilidade de ocorrência de um evento [Guerin, 1994], como a obtenção de um direito interpessoal), que permite acesso a reforçadores (i.e., direitos do indivíduo em uma relação interpessoal) de modo adequado ao contexto. Nessa expressão/demonstração (entendidas como emissão de operante verbal e emissão de operante não verbal, respectivamente, conforme Baum, 1994/1999) respeitam-se os direitos alheios, normalmente resolvendo os problemas imediatos e minimizando os futuros. Essas consequências definem a função social das classes de respostas que compõem esse conjunto denominado HS.

Uma aprimoração da abordagem analítico-funcional dos aspectos verbais das HS ocorreu quando Bolsoni-Silva e Carrara (2010) citaram o conceito de análise funcional relacionando-o ao de HS, sendo esse último conceito “uma adjetivação de repertórios operantes, sobretudo verbais, pois são respostas ‘consequenciadas’ por uma comunidade verbal e podem assumir funções [primárias] tais como mando e tato” (p. 342). Todavia, faltaram nessa apuração conceitual as funções verbais dos componentes das HS, em especial as autoclíticas (ou secundárias). Del Prette e D el Prette (2009), em estudo conceitual-teórico sobre componentes NV&P das HS, começaram a preencher essa lacuna ao considerarem que: (a) esses componentes são ou operantes verbais “não vocais” ou comportamentos respondentes; (b) os componentes operantes são predominantemente verbais, por serem modelados por ouvinte em práticas culturais; (c) mandos são HS assertivas - ordens, avisos, reclamações, perguntas, pedidos; e (d) HS empáticas são operantes verbais do tipo tato. Todavia, não apontaram, em matizes funcionais, a possibilidade de mandos também serem comportamentos agressivos ou passivos, não habilidosos socialmente (cf. Skinner, 1957, quando analisou a função do mando, que, sob condições aversivas, pode ter propriedades agressivas, como nas advertências, ou passivas, como nas súplicas). Isso revela a importância tanto das propriedades do operante quanto das funções da comunidade verbal na identificação/definição dele como socialmente habilidoso.

Na área de estudo das HS, desempenho social, competência social e HS são conceitos diferentes. Desempenho social designa o repertório comportamental relacional, com todas formas e funções de suas respostas, independentemente de elas serem competentes ou não. A competência social é a avaliação desse desempenho social, ou seja, pressupõe critérios para qualificá-lo: “a capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às demandas imediatas e mediatas do ambiente [social]” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31). Por sua vez, HS designa os conjuntos de classes de respostas do repertório comportamental relacional. Desempenho, habilidade e competência social são conceitos-chave no Treinamento de Habilidades Sociais (THS). Em geral, a efetividade desse treinamento é indicada na modelagem da classe de respostas assertivas. A assertividade é uma propriedade da classe de respostas assertivas do desempenho social competente. Respostas assertivas são consideradas

funcionalmente opostas às passivas e às agressivas. Portanto, a compreensão da funcionalidade dessas respostas é fundamental ao planejamento e à execução de avaliação em HS, o que é parte do procedimento deste estudo (cf. Caballo, 2003, para uma descrição desses comportamentos). O foco aqui são os operantes verbais autoclíticos das HS, ou seja, as classes de respostas verbais secundárias do repertório comportamental relacional.

Na concepção de Skinner (1957), autoclíticos de HS ocorrem junto com outras respostas verbais primárias (mando, tato, ecoico, textual, intraverbal e transcritivo) do desempenho social para a modificação do comportamento do ouvinte, a outra parte do relacionamento interpessoal. Autoclíticos, como verbais secundários, ocorrem junto com os verbais primários, tornando mais precisas as consequências funcionais primárias. Logo, compreender essa concorrência, isto é, essa ocorrência conjunta entre comportamentos verbais secundários e primários em comportamentos assertivos, passivos ou agressivos pode contribuir para melhor avaliação das HS e para intervenções em contextos clínicos e educacionais.

As relações verbais destacam a função das formas verbais e o processo autoclítico, com suas formas e funções, exacerba esse destaque. A amplitude da proposta de Skinner (1957) se mostra na explicação funcional dos processos autoclíticos. Portanto, o autoclítico, cuja etimologia deriva de “debruçar-se sobre” (Catania, 1980, p. 176), poderia explicar parte do fenômeno “competência social” em adultos. Esta explicação provavelmente é plausível, pois, considerando o que um adulto diz, o processo autoclítico aparece em comentários, qualificações, ênfases, ordenações, coordenações, negações, afirmações, comparações, quantificações e outros recursos verbais sofisticados.

Nas definições que Skinner forneceu às principais categorias de autoclíticos, destacadas também por Speckman, Greer e Rivera-Valdes (2012), é possível perceber sua importância na avaliação de HS pela sua variável controladora mais evidente, sendo elas: (a) descritivos - as condições dos estímulos sob as quais o falante emite uma resposta primária, por exemplo, descrevendo um estado emocional na interação social; (b) qualificadores - as propriedades dos estímulos que dão qualidade à resposta primária, por exemplo, afirmando-as ou negando-as; (c) quantificadores - as propriedades dos estímulos que dão quantidade à resposta primária, por exemplo, intensificando-as; (d) manipulativos - as propriedades das operações motivacionais atuando sobre a reação do ouvinte em relação à resposta primária, por exemplo, evitando que ele abandone o cerne de um argumento central; e (e) relacionais - as propriedades das relações entre operantes primários, por exemplo, estabelecendo uma equivalência entre eles.

Essas definições das funções autoclíticas destacam a variável controladora principal desses operantes verbais secundários. No entanto, operações motivacionais do controle da audiência sempre estão atuando em seu controle, como as advindas da reação aversiva do ouvinte à resposta primária, por exemplo, quando um descritivo diminui a probabilidade dessa punição (“*Sinto* informar que...”) ou quando um manipulativo parece impelir o ouvinte a “não ir embora” do argumento em um debate (“*Embora* você defenda que...”). Segundo Skinner, essas funções do processo autoclítico aparecem também em propriedades verbais não lexicais sob controle

de variáveis passadas e presentes do episódio verbal, por exemplo, a entonação, o efeito sonoro quando a resposta verbal é vocal, como especificaram Messa, Borloti e Haydu (2021), o tom que difere um “*sinto* informar” sincero de um não sincero no repertório de um falante irônico.

A exacerbação da função verbal primária pelo processo autoclítico poderia possibilitar identificar de modo mais evidente a função de comportamentos agressivos, passivos e assertivos em repertórios de HS. Se a competência social, como avaliação do desempenho social, é indicada pela capacidade do falante organizar respostas [verbais] sob controle de pensamentos, sentimentos e ações, e de variáveis do contexto da interação [estímulos reforçadores do tipo “direitos” e estímulos reforçadores e aversivos advindos do ouvinte] (Del Prette & Del Prette, 2001), a função autoclítica tornaria mais precisa essa competência social, uma vez que a organização de respostas verbais significa exatamente o efeito genérico do processo autoclítico, especificado em muitos efeitos específicos sobre os operantes verbais da competência social: descreve, qualifica, quantifica, manipula, relaciona, ordena etc. Logo, a frequência desses operantes verbais secundários no repertório verbal pode permitir inferir a capacidade de emissão de discursos com mais propriedades assertivas, passivas ou agressivas. Isso é relevante na avaliação e intervenção em HS.

Dada a relevância dos processos autoclíticos para avaliação e intervenção em HS, o problema de pesquisa aqui formulado consiste em indagar quais são os processos autoclíticos em comportamentos verbais de repertórios passivos, agressivos e assertivos, e suas inter-relações nesses contextos. Poucos artigos foram localizados na realização do presente estudo que tenham abordado os autoclíticos e que estejam relacionados ao problema de pesquisa aqui apresentado. Foram localizados um artigo conceitual (Wade, 2018) sobre autoclíticos descritivos e manipulativos no comportamento de flertar e dois artigos empíricos (Sheyab, Pritchard & Malady, 2014; Hübner, Austin & Miguel, 2008). No estudo de Wade, foi demonstrado que autoclíticos manipulativos são particularmente relevantes na dinâmica de uma interação diádica, talvez porque nessa interação fique mais evidenciado o controle direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte. Nos dois estudos empíricos que focalizaram autoclíticos qualificadores que compõem o fazer elogios, um comportamento frequentemente treinado em intervenções em HS, foi concluído que o tempo que o ouvinte se engaja no desempenho esperado (no caso, a leitura) é aumentado quando o elogio à leitura é contingente à emissão de comportamento verbal com autoclíticos qualificadores relacionados ao desempenho.

Dado o panorama aqui apresentado, justifica-se o presente estudo pela importância da intervenção em HS na Psicologia e a escassez de estudos sobre processos autoclíticos, conforme destacou Wade (2018), e uma revisão de literatura realizada por Balbi Neto (2016), que demonstrou a inexistência de estudos do processo autoclítico em HS. O objetivo geral do presente estudo consiste, portanto, em analisar os processos autoclíticos em comportamentos verbais de repertórios passivos, agressivos e assertivos, em inter-relações, de adultos de ambos os sexos. Os objetivos específicos consistem em analisar a competência social a partir da ocorrência de autoclíticos nesses repertórios e comparar seus tipos e sua frequência.

## MÉTODO

Este é um estudo exploratório: autoclínicos foram descritos e relacionados aos discursos passivo, agressivo ou assertivo em contexto de demanda interpessoal. Dado o delineamento da coleta de dados descrito adiante, optou-se por número mínimo de participantes interpretando papéis para focar o máximo possível dos seus repertórios e suas variáveis de controle.

### *Participantes*

Foram convidados quatro participantes-atores de ambos os sexos (variável de controle: sexo) que dramatizaram personagens agressivas e passivas (variável de controle: tipo de repertório) em ordens diferentes (variável de controle: ordem de interpretação das personagens). Os dois participantes-atores do sexo masculino foram denominados M1 e M2, e as duas participantes-atrizes, F1 e F2. Os participantes tinham mais de 5 anos de interação com a comunidade verbal em que trabalhavam e mais de 5 anos de experiência com teatro amador. Os participantes-atores já possuíam repertórios de comportamentos agressivos e passivos, porém eles relataram que os emitiam em situações raras e específicas. Também foram convidados dois interlocutores (confederados), conforme orientações do instrumento utilizado (Escala de Avaliação da Competência Social - EACS, Bandeira, 2002) descrito adiante. Eram universitários adultos familiarizados (mais de 5 anos de interação) com a comunidade verbal da região em que residiam.

### *Instrumento*

O instrumento para a obtenção dos dados foi a EACS, utilizada com os participantes-atores na forma de interpretação de papéis, nas situações nele propostas, com as alterações descritas adiante no delineamento. A escala envolve a aplicação de quatro subtestes estruturados de interação semiextensa para evocar duas classes de respostas (responder verbalmente a críticas e expressar desagrado), com dois subtestes para cada: (a) responder verbalmente a críticas - o avaliando está acordando muito tarde, dificultando ao interlocutor realizar tarefas domésticas; (b) expressar desagrado - o interlocutor usou roupa do avaliando sem autorização e a deixou sem condições de uso; (c) responder verbalmente a críticas - o avaliando está fazendo barulho, incomodando pessoas da casa à noite; e (d) expressar desagrado - pessoa da família tem dispensado pouca atenção ao avaliando nos últimos tempos.

Os dados acessados pela EACS referentes à competência social são avaliados nas seguintes escalas (descritas neste artigo na taxonomia analítico-funcional de Balbi Neto, 2016): (a) desempenho da competência verbal vocal idiomática (Subescala Verbal da EACS, de Bandeira, 2002); (b) desempenho da competência verbal cinésica e proxêmica (Subescala “Não Verbal”); (c) desempenho nas propriedades vocais não idiomáticas (Subescala “Paralinguística”); (d) desempenho da expressividade emocional por meio de competência verbal cinésica e de propriedades vocais (Subescala Expressividade Emocional); (e) desempenho na reso-

lução de problema de demanda interpessoal (Subescala Solução de Problema); e (f) competência social global (Escala Global). As pontuações podem ser dadas em seis categorias do tipo Likert, variando da incompetência muito acentuada (1 ponto) à competência muito acentuada em relação ao grupo de referência (6 pontos). Os autoclíticos lexicais ou idiomáticos registrados a partir da EACS foram identificados e classificados seguindo-se o método de Balbi Neto (2016). Os passos desse método estão descritos a seguir, na seção procedimento.

### *Procedimento*

Como aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer N° 1.509.466), os participantes-atores, após esclarecidos, consentiram com o estudo. Em seguida, foram preparados para a primeira aplicação da EACS. Antes, cada ator recebeu a descrição de um personagem diferente para interpretar a partir desta instrução: “Você irá utilizar o improviso para interpretar o personagem [Daniel/Daniela, Gabriel/Gabriela] com base na descrição que está recebendo sobre ele [o pesquisador entregava a descrição ao participante, o texto de Balbi Neto, 2016, por exemplo, sobre Daniel, personagem com histórico de reforço do repertório agressivo, que, dentre outras dicas textuais, ‘expressa pensamentos, sentimentos e opiniões de forma desrespeitosa e inapropriada’]”. Dois participantes de sexo diferente interpretaram primeiramente um personagem agressivo e depois um passivo, e outros dois participantes (também de sexo diferente) interpretaram primeiramente um personagem passivo e depois um agressivo. Considerando a importância dada à ordem da interpretação das personagens, os participantes não tiveram contato entre si durante a coleta de dados. Nessa descrição, Daniel e Daniela são personagens com história de reforçamento de repertório de comportamentos agressivos nas relações interpessoais, e Gabriel e Gabriela, personagens com história de reforçamento de repertório de comportamentos passivos. As funções desses nomes no repertório dos participantes a partir de suas histórias de aprendizagem são variáveis importantes, mas de controle impossível. Daí evitarem-se nomes de personagens populares na mídia, optando-se por personagens com nomes bíblicos comuns e correlatos de gênero para minimizar os efeitos dessas histórias.

Inicialmente, M1 interpretou Daniel, e M2, Gabriel. As atrizes F1 e F2 interpretaram, respectivamente, Daniela e Gabriela. As personagens foram baseadas nas descrições dos repertórios passivo e agressivo, apresentadas por Caballo (2003). Características sociodemográficas sugeridas por Caballo, como a idade, compuseram o perfil das personagens como variáveis de controle sociodemográfico. Elas foram consideradas covariáveis de controle e esses perfis foram descritos a partir das mesmas covariáveis. Assim, embasando-se nas informações fornecidas na descrição da EACS (cf. Bandeira, 2002), foram escolhidas nove covariáveis: idade (20 a 30 anos), estado civil (solteiro), estrutura familiar (pai, mãe, três filhos, sendo um a personagem), número de membros no lar (4), profissão, (estudante estagiário), escolaridade (superior incompleto), naturalidade (município da residência), pertinência (urbana, sem experiência rural) e *língua* (portuguesa do Brasil). Os atores

não tiveram contato entre si na preparação ou coleta de dados para não se influenciarem mutuamente.

As aplicações da EACS foram filmadas e posteriormente observadas, transcritas, avaliadas, quanto à competência social, e mensuradas, quanto à frequência dos comportamentos-alvo (objetos de estudo). A EACS foi aplicada separadamente nos participantes-atores. Ao fim de cada situação da EACS, foi questionado a cada participante-ator como ele avaliava, em escala Likert de 1 a 5 (1 = nada correspondente a 5 = totalmente correspondente), o quanto o desempenho dele na cena correspondeu à personagem interpretada, independentemente da autoapreciação dessa interpretação ou da apreciação da personagem interpretada. Caso o participante-ator informasse a pontuação de 1 a 3, podia reinterpretar o papel (apenas um participante-ator avaliou-se dessa forma, por duas vezes e, em ambas, optou por repetir a interpretação). As filmagens das situações avaliadas entre 1 e 3 foram eliminadas; a gravação posterior, preservada, foi avaliada pelo ator como acima de 3. A “linguagem” das vestimentas foi citada por Skinner (1957) como abarcada na definição dele de comportamento verbal, justamente por mediar o acesso do falante a reforçadores providos pelo ouvinte sob controle de tipos e cores da indumentária do falante. Ao analisar o tato nomeação, o autor mencionou que um novo tipo de roupa do ouvinte pode atuar na evocação de operantes no repertório do falante. Portanto, as roupas usadas na interpretação foram escolhidas pelos atores, segundo julgassem adequadas à descrição das personagens. Entretanto, para evitar o controle que as vestimentas dos interlocutores, como parte desse estímulo visual, pudessem exercer sobre os operantes em todas as aplicações da EACS (primeira e segunda aplicação), as roupas a serem escolhidas pelos interlocutores e usadas por outros colaboradores de pesquisa, bem como os objetos do cenário, foram comuns (camisa, saia, calção etc.) e de cores equilibradas (cores frias e quentes em proporções semelhantes) ou neutras (preto, branco, cinza), sem excesso de cores frias (azul, verde, roxo) ou quentes (vermelho, amarelo e laranja). As razões da evitação de cores quentes foram psicofísicas. O vermelho, por exemplo, é a frequência de onda com o maior comprimento, obrigando o cristalino humano a uma maior adaptação fisiológica no acerto do foco do objeto vermelho, provocando um maior impacto emocional na visão (cf. Guimarães, 2004), o que poderia ser uma variável adicional na história do falante.

Antes da segunda aplicação da EACS, cada ator recebeu a descrição de outra personagem para interpretação, diferindo da primeira personagem quanto ao predomínio de repertório. No segundo momento, M2 interpretou Daniel e M1, Gabriel. Da mesma forma, as atrizes F1 e F2 trocaram de personagem: F2 interpretou Daniela, e F1, Gabriela. Assim como na primeira preparação, os atores não se contataram. A EACS foi aplicada pela segunda vez nos participantes-atores separadamente, interpretando personagens conforme disposto anteriormente. Da mesma forma, avaliavam seu desempenho na cena no quanto ele correspondeu à personagem. Todos informaram pontuação de 4 ou 5, dispensando repetição.



*Validação, tratamento e análise de dados*

Antes da análise de dados, foi necessário que quatro juízes independentes validassem as cenas (situações filmadas nos subtestes da EACS) como análogas o suficiente às situações de contingência natural (essa validação foi diferente da avaliação que os participantes-atores fizeram da correspondência da sua interpretação com a personagem interpretada nessa contingência análoga). Os juízes eram adultos, membros da mesma comunidade verbal dos atores por mais de 5 anos, sem histórico de transtorno mental e exercendo atividade ocupacional (estudantil e/ou laboral). Eles foram informados que se tratava da aplicação de teste estruturado de interação para avaliação de competência social, logo, de situação filmada em contexto controlado. Contudo, não foram informados que as pessoas filmadas na condição de avaliados eram os participantes-atores. Eles avaliaram quão análoga (verossímil) a uma situação natural foi a cena filmada (contexto controlado): 1 = nada análogo/verossímil a 5 = totalmente análogo/verossímil. Dois juízes avaliaram a primeira aplicação da EACS e dois, a segunda. Todas as cenas foram avaliadas com pontuações 4 ou 5, que obtiveram índice de concordância igual a 0,83 e 0,87 respectivamente (índice Kappa).

Depois de cada aplicação, a situação filmada foi avaliada por três observadores (termo utilizado pela EACS) treinados dentro dos procedimentos de cotação da EACS. Isso possibilitou mensurar a aproximação dos comportamentos dramatizados da adjetivação assertiva (comportamento socialmente hábil). Além de realizar as cotações da EACS, os observadores avaliavam, em escala Likert de 1 a 5, a propriedade agressividade do discurso de cada participante interpretando uma personagem, sendo 1 = nada agressiva e 5 = totalmente agressiva. Cenas cuja personagem era Daniel(a) foram avaliadas com pontuações 4 ou 5, e cenas cuja personagem era Gabriel(a) foram avaliadas com pontuações 1 ou 2 (exceto quatro cenas interpretadas por M2 avaliadas com pontuações 4 e 5). Assim, na análise de dados considerou-se que o ator M2 interpretou Daniel duas vezes, já que em ambas as avaliações seu desempenho foi considerado com predomínio de repertório agressivo.

Os observadores também avaliaram o desempenho dos interlocutores para validar o predomínio do repertório assertivo. Assim, eles discriminaram a propriedade assertividade do discurso de cada interlocutor em escala Likert de 1 a 5, sendo 1 = nada de assertividade e 5 = total assertividade. Em todas as cenas, o discurso dos interlocutores foi avaliado com pontuação 4 ou 5, validando assim os dados do discurso do interlocutor para análise.

Os observadores eram adultos, da mesma comunidade verbal dos atores, sem histórico de transtorno mental e exercendo atividade ocupacional (estudantil e/ou laboral). Eles passaram por treino de habilidades sociais, conforme instrução na EACS. Inicialmente as cenas foram classificadas por dois deles, que obtiveram índice de concordância de classificação das respostas igual a 0,86 (índice Kappa). A análise da concordância da classificação seguiu o seguinte procedimento: (a) concordância entre ambos os observadores: item de cotação aceita; (b) discordância entre os observadores: item analisado por terceiro observador, igualmente treinado, que decidiu entre as posições divergentes. Sempre que houve divergência quanto à pontuação, a diferença foi igual a 1 (não maior).

Todas as situações filmadas (avaliadas com pontuação 4 ou 5 para análogo/verossímil) foram transcritas conforme sistema proposto por Preti (1998). Foram identificados e classificados os operantes verbais secundários (Skinner, 1957) lexicais ou idiomático nessas transcrições. A forma lexical sintática (morfossintaxe) foi uma base para a classificação funcional das transcrições da fala, que precisou de confirmação no contexto da cena. Balbi Neto (2016) enfatizou que as classificações gramaticais e suas possíveis funções autoclíticas devem ser confirmadas contextualmente e isso foi feito pelos dois primeiros autores deste artigo, que têm experiência em análise do comportamento verbal. O olhar ao contexto se faz mais necessário, conforme orientou Catania (2007), no caso de *dêixis*, palavras, em geral sozinhas, que não podem ser totalmente compreendidas sem informações contextuais. A referência deíctica, no caso das cenas, foi a identidade do falante e a função dele e do ouvinte dele no episódio verbal sob análise. Então, seguiram-se os três passos do método de Balbi Neto (2016) especificados a seguir.

Passo 1 – Preparação: marcação dos léxicos com possível função operante primária (substantivos, verbos nocionais etc.) e separação dos léxicos restantes com possível função verbal secundária.

Passo 2 – Classificação: feita a partir de tabelas para possíveis funções: descritivas (interjeições de surpresa, de medo etc., e expressões na forma “Eu x”, como “Eu juro”, “Eu lamento” etc.), qualificadoras (verbos de ligação, advérbios de negação etc.), quantificadoras (artigos, advérbios de intensidade etc.), manipulativas (conjunções adversativas e condicionais) e relacionais (preposições, conjunções coordenativas conclusivas etc.).

Passo 3 – Revisão: confirmação dos Passos 1 e 2, a partir da colocação do comportamento analítico sob controle dos estímulos antecedente e conseqüente textuais (e contextuais) do operante sob análise. No caso de operantes com função autoclítica menos evidente ou duvidosa, a estratégia foi a substituição do operante transcrito por um operante lexical de sintaxe conhecida, de modo a verificar seu efeito sobre a compreensão do pesquisador, como o exemplo dado por Skinner (1957), quando especificou a possibilidade de substituir o operante *todos* por outro termo de modo a confirmar ou não uma suposta função (primária ou secundária, e de qual tipo). Foi nesse Passo 3 que o segundo autor atuou como juiz independente da atuação analítica do primeiro autor. Casos especiais, em geral com controle múltiplo, foram analisados como tal por ambos, como o caso da palavra *que*, um tipo de *dêixis* (Catania, 2007) que pode assumir diferentes funções autoclíticas, por exemplo, quantificadora (como em *Do jeito que está não dá*) ou relacional (como em *Tenho que sair agora*).

Os resultados das cotações da EACS, as frequências absolutas e relativas (porcentagem) dos operantes verbais secundários, bem como as cotações da EACS foram analisadas por análise estatística descritiva e inferencial. Utilizou-se a categorização das variáveis qualitativas em porcentagem (e.g., cotações da EACS),

média e desvio-padrão das variáveis quantitativas (e.g., frequência de autoclíticos) (Pestana & Gageiro, 2003). O tratamento dos dados foi feito com o programa SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*), utilizando cálculo, análise e interpretação de: (a) Teste t-student para comparar a diferença de média nas cotações da EACS entre os grupos de repertório passivo e agressivo, (b) ANOVA (*one way*) para comparar a diferença de média na frequência e porcentagem dos operantes verbais secundários entre os grupos de discursos avaliados como passivo, agressivo e assertivo, (c) D de Somer e Eta para verificar a correlação entre o tipo de discurso (passivo, agressivo e assertivo) e a frequência relativa (porcentagem) do autoclítico. Optou-se pelo uso de Teste t-student e ANOVA, pois as variáveis atenderam aos critérios de normalidade (Pestana & Gageiro, 2003). Em todos os casos de estatística inferencial, foram considerados resultados significantes os que tinham  $p$  menor ou igual a 5%, considerando as características descritiva, exploratória e correlacional deste estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Competência social*

A EACS aplicada oito vezes, duas em cada um dos quatro participantes, resultou em 32 cenas filmadas e transcritas. Cada cena possuiu dois discursos: o do interlocutor, que demonstra o predomínio de repertório assertivo, e o do participante-ator, que interpreta personagem com o predomínio de repertório passivo ou agressivo. Conforme a avaliação dos juízes, M2 demonstrou predomínio de comportamento agressivo em ambas as aplicações da EACS. Portanto, ao todo, somaram-se e analisaram-se 12 discursos com predomínio de repertório passivo, 20 de agressivo e 32 de assertivo. Os discursos considerados passivos pelos observadores apresentaram cotações na EACS entre “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) e “Competência mínima” (3 pontos), conforme pode ser observado na Tabela 1. De 83,45 a 91,7% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) ou “Incompetência acentuada” (2 pontos) em todas as Subescalas da EACS e Escala Global. A exceção foi a Subescala “Paralinguística” (desempenho verbal vocal não lexical), com 58,3% avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) ou “Incompetência acentuada” (2 pontos). Em todo caso, mais de 58,3% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” ou “Incompetência muito acentuada” na EACS, resultado esperado e congruente com a revisão de literatura, em que repertórios passivos apresentam competência social baixa ou muito baixa (Caballo, 2003). Com relação à porcentagem levemente inferior na Subescala “Paralinguística” (desempenho verbal vocal não lexical), pode-se entender que as propriedades vocais não lexicais (“paralinguísticas”) sejam as mais difíceis de simular, já que são treinadas pela comunidade verbal na maioria das vezes informalmente, ou seja, seu treino formal, conforme afirmou Skinner (1957), é incomum na comunidade verbal.

*Tabela 1.* Porcentagem das cotações da EACS em discursos de predomínio de repertórios passivo

Cotação	EACS (Escala e Subescalas)					
	Verbal	Não Verbal	Paral.	Expr. Emoc.	Sol. de Prob.	Global
Incompetência muito acentuada	16,7	41,7	8,3	16,7	66,7	8,3
Incompetência acentuada	58,3	41,7	50,0	75,0	25,0	75,0
Competência mínima	25,0	16,7	41,7	8,3	8,3	16,7
Competência média	--	--	--	--	--	--
Competência acentuada	--	--	--	--	--	--
Competência muito acentuada	--	--	--	--	--	--

**Nota:** A subescala “Não Verbal” segundo Balbi-Neto (2016) é a competência verbal cinésica. Paral.= Paralinguística; Expr. Emoc. = Expressividade Emocional; Sol. de Prob. = Solução de Problema.

Os discursos avaliados como agressivos pelos observadores apresentaram cotações na EACS entre “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) e “Competência média” (4 pontos), conforme Tabela 2. De 85% a 95% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” (1 pontos) ou “Competência mínima” (2 pontos) em todas as Subescalas da EACS e na Escala Global. Conforme previsto na literatura, o repertório de propriedades agressivas consegue apresentar desempenho na competência social superior ao repertório passivo, já que consegue garantir seus direitos, ainda que viole os direitos do outro (Caballo, 2003). Por outro lado, não obteve pontuações acima de competência média, que apresenta porcentagem muito baixa, variando entre zero e 15%. Isso significa que repertórios agressivos apresentam competência social mínima ou baixa, indicando resultado esperado e congruente com a literatura (Marchezini-Cunha, & Tourinho, 2010; Bolsoni-Silva, & Carrara, 2010).

*Tabela 2.* Porcentagem das cotações da EACS em discursos de predomínio de repertórios agressivos

Cotação	EACS (Escala e Subescalas)					
	Verbal	Não Verbal	Paral.	Expr. Emoc.	Sol. De Prob.	Global
Incompetência muito acentuada					5,0	5,0
Incompetência acentuada	25,0	5,0	20,0	20,0	60,0	35,0
Competência mínima	60,0	90,0	70,0	70,0	35,0	55,0
Competência média	15,0	5,0	10,0	10,0		5,0
Competência acentuada	--	--	--	--	--	--
Competência muito acentuada	--	--	--	--	--	--

Nota: A subescala “Não Verbal” segundo Balbi-Neto (2016) é a competência verbal cinésica. Paral.= Paralinguística; Expr. Emoc. = Expressividade Emocional; Sol. de Prob. = Solução de Problema.

Os resultados qualitativos da EACS, assim como as cotações das Subescalas e da Escala Global, também foram analisados em termos quantitativos, já que cada categoria de classificação equivale a uma pontuação. Conforme pode ser observado na Tabela 3, nos repertórios passivos, as médias das pontuações na EACS variaram entre 1,43 e 2,33, e o desvio-padrão entre 0,52 e 0,75; nos repertórios agressivos, as médias das pontuações na EACS variaram entre 2,30 e 3,00, e o desvio padrão, entre 0,32 e 0,68. Os resultados da EACS apontam diferença de média estatisticamente significativa entre as pontuações da EACS para os grupos de repertório passivo e agressivo considerando todas as subescalas, bem como da Global. Diferenças mais consideráveis foram observadas nas Subescalas da EACS, exceto “Paralinguística”; e menos importantes na Escala Global e na “Paralinguística”. Ou seja, de maneira geral, os repertórios passivos e agressivos distinguem-se menos em uma avaliação global do que em avaliações isoladas.

*Tabela 3.* Diferença de média (M) e Desvio-padrão (DP) entre cotações da EACS para grupos de discurso passivos e agressivos

Escala/Subescala (EACS)	Passivo		Agressivo		t
	M	DP	M	DP	
Verbal	2,08	0,67	2,90	0,64	3,43**
Não verbal	1,75	0,75	3,00	0,32	6,52***
Paralinguística	2,33	0,65	2,90	0,55	2,62*
Expressividade emocional	1,92	0,52	2,90	0,55	4,99***
Solução de problema	1,42	0,67	2,30	0,57	3,97***
Global	2,08	0,52	2,60	0,68	2,26*

Nota: \*\*\*p<0,001, \*\*p<0,005, \*p<0,05.

*Operantes verbais superiores*

Quanto aos operantes verbais superiores nos discursos avaliados como passivos, agressivos ou assertivos em contexto interpessoal, foram emitidos em média 66,65 autoclíticos lexicais em cada discurso avaliado como agressivos (frequência absoluta, emissões médias por discurso); 32,25, nos como passivos e 27,13, nos como assertivos. Os dados apontam frequência elevada de autoclíticos em discursos agressivos, mais que o dobro de emissões que a média dos discursos passivo ou assertivo.

Apesar da relevância do autoclítico no aumento da probabilidade de o operante verbal que ele acompanha ser reforçado indiretamente pelo ouvinte (cf. Skinner, 1957), emissão frequente de operantes secundários pelos falantes agressivos pode indicar intensificação da agressividade. Esse aumento de intensidade pode ter se devido à função autoclítica em tornar mais precisos os efeitos da agressão verbal, ou seja, “fazer valer” como consequência o que o falante pensa e sente, considerando sua perspectiva de agressor violando o direito do outro da relação (cf. Caballo, 2003, Marchezini-Cunha, & Tourinho, 2010, Bolsoni-Silva, & Carrara, 2010).

Em média foram emitidos 3,7 autoclíticos lexicais descritivos nos discursos avaliados como agressivos, dois nos passivos e 0,53 nos assertivos. A frequência média de emissão de autoclíticos lexicais quantificadores foi de 24,2 em discursos agressivos, 12,72 em assertivos e 11,08 em passivos. Os autoclíticos lexicais qualificadores foram emitidos em média 13,35 vezes em discursos avaliados como agressivos, 8,67 nos passivos, e 3,38 nos assertivos. Em média foram emitidos 22,5 autoclíticos lexicais relacionais nos discursos avaliados como agressivos, 10,03 nos assertivos e 8,50 nos passivos. A frequência média de emissão de autoclíticos lexicais manipulativos foi de 2,45 em discursos agressivos, 2,00 em passivo e 0,47 em assertivos. Em interações diádicas, conforme citado anteriormente, os autoclíticos manipulativos assumem prevalência pela sua função em modificar a reação subsequente do ouvinte (Wade, 2018). Quando são reações aversivas, elas podem evocar a agressão verbal com maior probabilidade, como a extinção, isto é, a não apresentação da mediação por parte do ouvinte, um evento aversivo que pode induzir uma provável a agressão. Entretanto, dada a função geral do processo autoclítico, citada por Skinner (1957), em tornar preciso o efeito verbal sobre o ouvinte, não foram apenas os autoclíticos manipulativos os mais frequentes na agressividade.

O discurso agressivo apresentou as maiores frequências médias de emissão de autoclíticos quando comparado com as frequências dessas relações verbais secundárias dos discursos passivos ou assertivos. Em discurso agressivo, os descritivos foram em média 6,96 vezes mais frequentes do que em discurso assertivo; os quantificadores, 1,90 vezes; os qualificadores, 3,96 vezes; os relacionais, 2,29; e os manipulativos, 4,267. Estes dados indicam que o discurso agressivo congrega as funções de tipos específicos de autoclíticos, que o compõem em maior frequência. Assim, o discurso agressivo mais frequentemente: (a) descreve ao ouvinte as propriedades do operante primário, em geral de desconsideração, do tipo desdém ou “fala dura” em relação ao ouvinte (cf. Infante & Rancer, 1996), ou as condições do contexto de sua emissão, controladoras dessas propriedades a partir de seu

efeito sobre o ouvinte (i.e., quando prevalece sua função autoclítica descritiva); (b) modifica a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário na direção que reforça a desconsideração (quando prevalece sua função autoclítica [des]qualificadora); e (c) instrui o ouvinte a relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado pela emissão desse operante com as propriedades da desconsideração (quando prevalece sua função autoclítica manipulativa). Os dados qualitativos mostram que isso ocorre quando o falante agressivo diz ao interlocutor o que pensa ou sente (cf. Caballo, 2003), com autoclíticos descritivos (e.g., Ué...vai lá e arruma, Participante M1, Situação 1 – autoclíticos sublinhados), com autoclíticos qualificadores (e.g., não... não...não...calma não...calma não..., Participante M2, Situação 2) e com autoclíticos manipulativos (e.g., eu não sei... [...] se é minha forma de ser... mas a senhora me criou assim... né?, Participante F2, Situação 4). No exemplo “Ué...vai lá e arruma”, o autoclítico intensifica a função de mando do operante primário.

O discurso passivo possui a segunda maior frequência média de autoclíticos dos tipos descritivo, qualificador e manipulativo. Ou seja, em média, o discurso passivo é formado por mais autoclíticos descritivos, qualificadores e manipulativos do que o discurso assertivo. Em discurso passivo, os descritivos são em média 3,76 vezes mais frequentes do que em discurso assertivo; os qualificadores, 2,57 vezes; e os manipulativos, 4,27. Por outro lado, os autoclíticos quantificadores são 13% menos frequentes no discurso passivo, os relacionais, 15% menos frequentes, quando comparados com o assertivo.

Esses dados podem ser compreendidos nas funções autoclíticas sob controle de eventos ou condições do ouvinte que dão ao comportamento verbal passivo sua propriedade de submissividade (Maloney & Moore, 2019). Em termos funcionais, comparado ao assertivo por sua moldura autoclítica, o discurso passivo é marcado por processos autoclíticos também presentes no discurso agressivo, porém com nuances do seu controle de estímulo, como se o falante se autoprejudicasse (em vez de, como no discurso agressivo, prejudicar o outro). Pode-se dizer que o discurso passivo mais frequentemente: (a) descreve ao ouvinte essas propriedades de baixa intensidade do operante primário ou as condições de sua emissão com essa baixa intensidade, que caracterizam o falante por um lado subjugado pelo ouvinte ou, por outro, respeitoso para com ele (emissão de descritivo); (b) modifica a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao efeito pretendido pela emissão do operante primário de baixa intensidade (emissão de qualificador); e (c) instrui o ouvinte a relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado, pelo reforço negativo da redução da probabilidade do confronto falante-ouvinte (emissão de manipulativo). Os dados qualitativos mostram que isso ocorre quando o falante passivo diz ao interlocutor o que pensa ou sente (cf. Caballo, 2003) com descritivos (e.g., É que...não sei como vou te falar...por que...poxa você pegou minha camisa e deixou suja e amassada... ah ...eu fiquei assim...por que...ficou muito ruim para sair com ela assim, sabe..., Participante M1, Situação 2), com qualificadores (não sei como vou fazer...porque a camisa ficou...não dá pra sair com ela né...entende?, Participante M1, Situação 2)

e com manipulativos (tá bom... mas você pode pegar quando você precisar... você pode pegar..., Participante F1, Situação 2).

Note-se que, com tal moldura autoclítica, quando comparado ao assertivo, o discurso passivo está mais frequentemente sob controle (Borloti & Hübner, 2010): (a) do tipo de operante primário que eles acompanham (descritivo Tipo I); ou da intensidade do operante básico (descritivo Tipo II); ou dos operantes primários e eventos comportamentais ou eventos ambientais a eles relacionados (descritivo Tipo III); ou de operações motivacionais e estados emocionais afetando a emissão do operante verbal primário (descritivo Tipo IV); ou das propriedades aversivas do operante primário afetando o ouvinte (descritivo Tipo V); ou das relações entre operantes primários, comportamentos do falante e consequências desses comportamentos, planejadas para serem produzidas no ouvinte (descritivo Tipo VI); (b) das circunstâncias que controlam as propriedades dos operante primário ou das propriedades referentes à qualidade desse operante primário (qualificador); e (c) direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte (manipulativo). Num paralelo analítico com o assertivo, o falante passivo emite autoclíticos ao interlocutor para comunicar que opiniões, pensamentos, sentimentos e valores não contam (cf. Caballo, 2003) ou, na descrição de Maloney e Moore (2019), para indicar que “aceita eventos ou ações de outros sem resistência” (p. 1), conforme se pode abstrair dos exemplos anteriores.

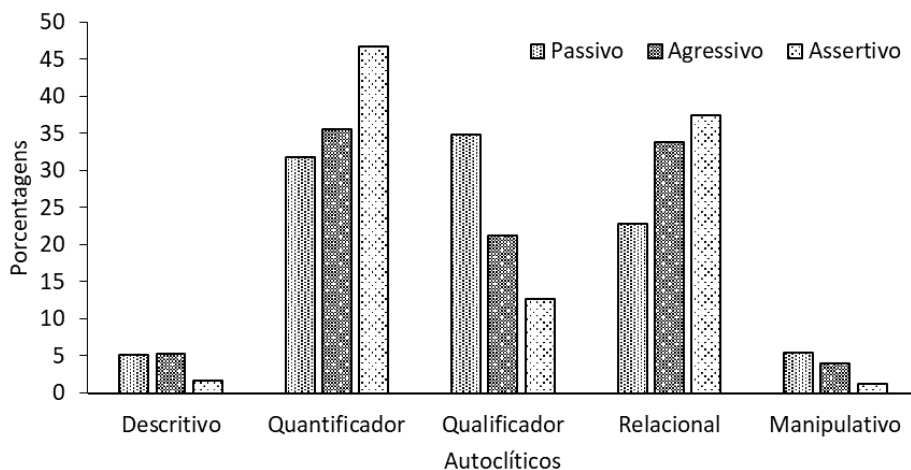
O discurso assertivo, apesar da menor frequência de autoclíticos em geral (27,13 autoclíticos por discurso), contém frequências médias de autoclíticos quantificadores e relacionais mais altas do que o discurso passivo: 14,75% a mais de quantificadores e 18,02% a mais de relacionais. Funcionalmente, significa que, comparado ao passivo, o discurso assertivo mais frequentemente: (a) indica propriedades referentes à quantidade do operante primário sob controle da circunstância de direito interpessoal que as controlam (quantificador); e (b) aumentam a probabilidade de o ouvinte se comportar de modo particular, segundo a descrição de relações entre operantes primários sob controle de direitos interpessoais (relacional). O discurso assertivo mais frequentemente, quando comparado ao passivo, está sob controle: (a) das propriedades referentes à quantidade do operante primário ou das circunstâncias que as controlam, relacionadas aos interesses do falante sem violar o direito do outro da relação; e (b) das propriedades relacionais entre os operantes primários ou entre sentenças amplas de operantes verbais sob controle de estímulos verbais e não verbais definidores de direitos interpessoais (Borloti & Hübner, 2010). Os dados qualitativos mostram que isso ocorre quando o falante assertivo diz ao interlocutor o que pensa ou sente (cf. Caballo, 2003), com quantificadores (todo dia você está acordando muito tarde pra arrumar seu quarto...eu já te pedi várias vezes pra acordar mais cedo porque eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço..., Interlocutora Feminina, Situação 1) e com relacionais (e.g., daqui pra frente... o que você pode fazer...pegar um copo de água e levar para o quarto... vamos fazer assim daqui pra frente?, Interlocutora Feminina, Situação 3).

A Figura 1 apresenta as porcentagens dos diferentes autoclíticos emitidos em discurso passivo, agressivo e assertivo. A maior porcentagem de autoclíticos passivos é a de qualificador (34,8%), a de autoclíticos agressivos é a de quantificador (35,6%)



e a de autoclíticos assertivos é a de quantificador (46,7%). Pode-se sugerir, então, que a frequência elevada de descritivos, qualificadores e manipulativos em um discurso pode indicar passividade, em comparação aos discursos assertivo e passivo, com frequência equivalente de autoclíticos. Os dados apontam que porcentagens elevadas de autoclíticos qualificadores podem ser indicadores de passividade. A porcentagem de qualificadores nos discursos passivo é 64,59% ou 173,63% maior do que em discurso agressivo ou assertivo, respectivamente. Assim, os dados confirmam a proposição teórica de Skinner (1957) de que ocorrem altas porcentagens de qualificadores no repertório de falantes tímidos, reservados ou inseguros.

Figura 1. Porcentagens de autoclíticos emitidos em discurso passivo, agressivo e assertivo.



Os resultados do teste D de Somer apontam que há correlação estatisticamente significativa entre o tipo de repertório (passivo, agressivo e assertivo) e a frequência relativa (porcentagem) de cada autoclítico, com significância de  $p < 0,001$  para todos os autoclíticos, com exceção do relacional em que  $p$  é menos que 0,005. O Eta ao quadrado indica a força de cada associação, variando entre 17,81% e 30,36%. As associações são fracas ou moderadas se interpretadas separadamente (ver Tabela 4). Uma interpretação conjunta dos dados poderia indicar forte associação entre padrões de autoclíticos e o tipo de repertório (passivo, agressivo e assertivo).

*Tabela 4.* Correlação (Eta e D de Somer) entre o tipo de repertório (passivo, agressivo e assertivo) e porcentagem de cada autoclítico

Autoclítico	D de Somer	Eta <sup>2</sup>
Descritivo	-0,44***	24,11%
Quantificador	0,51***	29,70%
Qualificador	-0,60***	30,36%
Relacional	0,35**	21,07%
Manipulativo	-0,52***	17,81%

**Nota:** \*\*\* $p < 0,001$ , \*\* $p < 0,005$ .

Funcionalmente, comparado ao discurso assertivo ou ao agressivo, o discurso passivo é proporcionalmente mais qualificador e manipulativo, já que apresenta as maiores porcentagens de ambas essas categorias autoclíticas. Os dados apontam (Borloti & Hübner, 2010) que o discurso passivo, em relação ao assertivo ou ao agressivo, modifica mais a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário (função dos qualificadores, os de maior porcentagem); e instrui mais o ouvinte a relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante passivo achou apropriado (maior porcentagem de emissão de manipulativo). O falante passivo parece achar apropriado impelir o ouvinte a agir em função de uma subestimação de si mesmo e de uma sobrestimação do ouvinte.

Ressalte-se que intensidade e direção intencionadas a serem geradas pelo falante passivo no ouvinte, ou mesmo o modo do seu comportamento autoavaliado como “apropriado” no episódio verbal, talvez por tornar mais precisa a função de esquiva da interação, são sempre desfavoráveis ao seu direito (Caballo, 2003, Marchezini-Cunha, & Tourinho, 2010). Isso pode explicar a razão de o discurso passivo, comparado ao assertivo ou ao agressivo, estar mais sob controle das circunstâncias que controlam as propriedades do operante primário ou das propriedades correspondentes à qualidade desse operante primário (qualificador); e mais sob controle direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte (manipulativo). Este dado corrobora empiricamente o que afirmou Skinner (1957) quanto à tendência do falante passivo de “qualificar tudo quanto diz, a fim de evitar possíveis equívocos” (p. 427). A familiar “risadinha autoclítica” (p. 454) não foi registrada nos dados por ser não lexical; todavia, as observações lexicais “qualificadas” pelo falante passivo diante da tendência ou direção aversiva do comportamento do ouvinte, citadas por Skinner, podem ser vistas nestes três excertos dos dados: Assim... não foi por querer, entendeu?...mas...eu vou ficar mais atento... vou tentar ficar mais atento... (Participante M1, situação 3); não é nada de mais, não... pode assistir sua tv... vou ficar com você aqui. (Participante M1, situação 4); e sabe o quê que é... assim, eu nem sei como que eu vou te falar isso... porque é assim... (Participante F1, situação 4).

Os dados sugerem que porcentagens reduzidas de autoclíticos descritivos e manipulativos podem indicar assertividade. As porcentagens de descritivos nos

discursos passivo e agressivo são 2,89 e 3,04 vezes maiores que em discurso assertivo, respectivamente. Igualmente, as porcentagens de manipulativos nos discursos passivo e agressivo são 4,23 e 3,05 vezes maiores que em discurso assertivo, respectivamente. Funcionalmente, e proporcionalmente quando comparado ao discurso passivo ou ao agressivo, o discurso assertivo contém menos emissões de descritivos, qualificadores e manipulativos, já que apresenta as menores porcentagens nessas três categorias de autoclíticos. Isso indica, conforme Borloti e Hübner (2010), que, em relação ao passivo ou ao agressivo, o discurso assertivo: (a) descreve menos ao ouvinte as propriedades do operante primário, ou as condições de sua emissão (menor porcentagem de descritivo); (b) modifica menos a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário (menor porcentagem de qualificador); e (c) instrui menos o ouvinte a relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado (menor porcentagem de manipulativo).

O discurso assertivo, comparado ao passivo ou ao agressivo, está menos sob controle (Borloti & Hübner, 2010): (a) do tipo de operante primário que eles acompanham (descritivo tipo I); ou da intensidade do operante básico (descritivo tipo II); ou dos operantes primários e eventos comportamentais ou eventos ambientais a eles relacionados (descritivo tipo III); ou de operações motivacionais e estados emocionais afetando a emissão do operante verbal primário (descritivo tipo IV); ou das propriedades aversivas do operante primário afetando o ouvinte (descritivo tipo V); ou das relações entre operantes primários, comportamentos do falante e consequências desses comportamentos, planejadas para serem produzidas no ouvinte (descritivo tipo VI); (b) das circunstâncias que controlam as propriedades dos operante primário ou das propriedades correspondentes à qualidade desse operante primário (qualificador); e (c) das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte (manipulativo). Por outro lado, porcentagens elevadas de autoclíticos quantificadores e relacionais indicam assertividade. A porcentagem de quantificadores no discurso assertivo é 31,84% ou 23,77% maior do que em discurso passivo ou agressivo, respectivamente. Da mesma forma, a porcentagem de relacionais no discurso assertivo é 23,77% e 9,60% maior que em discurso passivo e agressivo, respectivamente.

Ao analisar funcionalmente as altas porcentagem de autoclíticos do discurso assertivo nota-se que, comparado ao discurso passivo ou ao agressivo, ele tem proporcionalmente mais autoclíticos quantificadores e relacionais. Isso sugere que, em relação ao passivo ou ao agressivo, quanto à função desses dois tipos de autoclíticos, o discurso assertivo indica as duas funções combinadas dos mesmos, envolvendo direitos interpessoais (cf. Borloti & Hübner, 2010): indicar propriedades referentes à quantidade de operantes primários ou das circunstâncias interpessoais que os controlam (autoclítico quantificador); e aumentar a probabilidade de o ouvinte se comportar segundo a descrição de relações entre esses operantes primários e/ou essas circunstâncias (autoclítico relacional).

Numa contribuição aos teóricos das HS, isso pode informar funcionalmente o *locus* do controle do comportamento assertivo: a situação, quantificada e relacionada *per se* via processos autoclíticos, segundo o que se pensa e sente sobre ela

(Caballo, 2003). Em outros termos (Borloti & Hübner, 2010), o discurso assertivo, comparado ao passivo ou ao agressivo, está mais sob controle das propriedades referentes à quantidade do operante primário (a situação) ou das circunstâncias que a controlam; e das propriedades relacionais entre esse operante primário (situação) e outros em sentenças amplas que reforçam o argumento central que contém o operante primário (situação). Em geral, essas sentenças amplas conectam-se por autoclíticos com função composicional que, por relacioná-las, também podem ser considerados autoclíticos relacionais (Balbi Neto, 2016), como em: *poxa, mãe... sei lá...você anda meio estranha... esses dias você não tem dado atenção pra mim... poxa... está difícil desse jeito... entendeu...? Eu preciso da senhora pra fazer as coisas... por exemplo... chego da faculdade... procurar um café... cadê minha mãe pra me ajudar...? Pra conversar...?* (Participante M1, interpretando Daniel, Situação 4).

Tais sentenças com autoclíticos relacionais, por aumentarem a probabilidade de o ouvinte se comportar de modo particular, são fundamentais na defesa dos direitos, já que a diferença entre os percentuais desses autoclíticos passivos e agressivos (11,2 pontos percentuais) é 3,1 vezes maior que a diferença entre agressivos e assertivos (3,6 pontos percentuais). Isso sugere que porcentagens reduzidas de autoclíticos relacionais indicam passividade na defesa dos direitos, já que as porcentagens de relacionais nos discursos agressivo e assertivo são 49,14% e 64,97% maiores que em discurso passivo, respectivamente. Quanto à estatística inferencial (Anova *one-way*), verificou-se diferença de média para cada tipo de autoclítico mensurado entre os grupos de repertório passivo, agressivo e assertivo. Os valores calculados para os autoclíticos descritivos foram  $F(2,61)= 9,71$ ,  $p<0,001$ , para os quantificadores,  $F(2,61)= 12,87$ ,  $p<0,001$ , os qualificadores,  $F(2,61)= 13,33$ ,  $p<0,001$ , os relacionais,  $F(2,61)= 8,14$ ,  $p<0,005$ , e os manipulativos,  $F(2,61)= 6,59$ ,  $p<0,005$ . Os resultados permitem afirmar que há diferença estatisticamente significativa ( $p<0,001$  ou  $p<0,005$  - ver Figura 1) em cada tipo de autoclítico entre os três grupos estudados (discurso passivo, agressivo e assertivo).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a competência social e os processos autoclíticos (bem como a frequência e a comparação desses processos) em discursos avaliados como passivo, agressivo ou assertivo em contexto interpessoal. De maneira geral, os dados apontaram que: (a) discursos agressivos são mais competentes socialmente do que passivos; (b) discursos agressivos são caracterizados por frequências absolutas elevadas de autoclíticos (especialmente quantificadores e relacionais); (c) porcentagens elevadas de qualificadores ou manipulativos podem indicar passividade, assim como porcentagens elevadas de quantificadores e relacionais podem indicar assertividade.

Sobre a influência funcional dos autoclíticos na competência social, pode-se considerar que: (a) descritivos e manipulativos parecem sinalizar incompetência social ou baixa assertividade, pois apresentaram-se em porcentagens elevadas nos discursos passivo e agressivo; (b) quantificadores parecem sinalizar competência social ou assertividade, pois apresentaram-se em porcentagens elevadas no discurs-

so assertivo; (c) qualificadores podem estar relacionados ao discurso passivo, por terem se apresentado em porcentagens elevadas nesse discurso; (d) e relacionais parecem ser funcionalmente emitidos na defesa dos direitos, pois tiveram porcentagens elevadas nos discursos assertivo e agressivo. Assim, sugere-se que provavelmente os autoclíticos podem alterar os operantes básicos de tal forma que proporcionam ao ouvinte condições mais prováveis de o falante obter consequências reforçadoras positivas ou negativas descritivas de direitos a serem defendidos (no longo prazo nos casos assertivos e no curto prazo nos casos agressivo e passivo). Consequentemente, tornam mais prováveis ao falante a produção de consequências reforçadoras positivas ou negativas pela mediação do ouvinte (no longo prazo nos casos assertivos e no curto prazo nos outros casos). Considerando o argumento de Wade (2018), na interação diádica fica mais evidenciado o controle direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte, o que, nesse estudo, se mostrou mais evidente no controle da passividade. Por sua vez, Niland e Ortu (2020), sem classificar o tipo, afirmaram que autoclíticos (como *Eu acho*) em falsas confissões nos tribunais podem indicar que o suspeito não estava 100% certo da validade de sua afirmação, o que, nas contingências sociais sob análise neste artigo, pode ter relação com incompetência social ou baixa assertividade diante da aversividade que caracteriza os ambientes jurídicos nos quais o comportamento verbal pode produzir a sentença prisional como consequência direta da mediação da audiência do júri.

O presente estudo descreveu o processo autoclítico em diferentes contextos de competência social. Dessa descrição pode-se afirmar que os operantes verbais superiores (autoclíticos), ao ajustarem de maneira tão refinada o discurso, diferenciam os indivíduos socialmente competentes dos não socialmente competentes. Nela, é possível identificar o predomínio de repertório passivo, agressivo ou assertivo conforme as porcentagens de autoclíticos emitidos nesses contextos. A ausência da análise dos processos verbais não lexicais envolvidos nos componentes ditos “não verbais” e “paralingüísticos” desses repertórios é uma das limitações deste estudo. Essa análise ainda é um desafio aos analistas do comportamento.

A descrição e análise dos componentes verbais autoclíticos lexicais de discursos assertivos, agressivos e passivos em contexto interpessoal, análogos aos analisados neste estudo, poderão ser diretrizes analítico-comportamentais para o campo de estudo das HS. Uma de suas utilidades seria teórico-conceitual ao poder ampliar as considerações de Del Prette e Del Prette (2009) sobre a função de respostas do repertório de HS com a inserção da análise da co-ocorrência de componentes operantes verbais vocais lexicais de primeira e de segunda ordem nas HS. Em sua função exacerbadora da função de operantes de primeira ordem, os de segunda (autoclíticos) podem melhorar a identificação de sua função que, em geral, pode estar oculta por sua aparência formal, por exemplo, de mando, por ter topografia de pergunta, ou de tato, por ter topografia de descrição. Consequentemente, essas diretrizes novas poderão melhorar a eficácia e a efetividade das técnicas de avaliação e de intervenção em THS visando a competência social. Adicionalmente, essas diretrizes podem futuramente melhorar a compreensão do comportamento verbal contínuo, aperfeiçoando quantitativamente o procedimento qualitativo da análise

comportamental do discurso (Borloti, Iglesias, Dalvi, & Silva, (2008), baseado fundamentalmente na discriminação do discurso, como estímulo verbal, a afetar quem o analisa enquanto ouvinte-leitor-intérprete.

Diversas subáreas da Psicologia Aplicada poderão se beneficiar do procedimento empregado neste estudo, melhorando a análise comportamental da agressividade, da passividade e da assertividade de agentes em práticas culturais. Em duas dessas áreas a análise das funções autoclíticas da agressividade verbal pode ser relevante, por exemplo, na Psicologia Política, a área dedicada a compreender os manifestos de políticos de diferentes matizes ideológicas, e na Psicologia Forense, a que investiga o comportamento dos indivíduos envolvidos em casos jurídicos, por exemplo, a partir de entrevistas para traçar perfil criminal ou, como demonstrado por Niland e Ortu (2020), para analisar o comportamento verbal de testemunhas. Especialmente, os dados deste estudo sugerem que os componentes autoclíticos de passividade podem se fazer presentes, por exemplo, na frequência dos (des)qualificadores do falante testemunha e vitimado.

## REFERÊNCIAS

- Balbi Neto, R. R. Q. (2016). *Comunicação e linguagem nas relações interpessoais: Conceitos e métodos comportamentais no estudo do autoclítico lexical*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Bandeira, M. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de Pacientes Psiquiátricos através de Desempenho de Papéis: EACS. *Avaliação psicológica*, 1(2), 159-171. <https://biblat.unam.mx/hevila/Avaliacaopsicologica/2002/vol1/no2/8.pdf>
- Baum, W. M. (1999). *Compreender o behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura*. (M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, Trad.). Artes Médicas Sul. (Obra original publicada em 1994).
- Bolsoni-Silva, A. T., & Carrara, K. (2010) Habilidades sociais e análise do comportamento: Compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. *Psicologia em Revista*, 16(2), 330-350. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2010v16n2p330>
- Borloti, E., & Hübner, M. (2010). O autoclítico e a construção verbal. In M. M. C. Hübner et al. (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (vol. 25, pp. 279-287). Santo André, SP: ESETEC.
- Borloti, E., Iglesias, A., Dalvi, C. M., Silva, R. D. M. (2008). Análise comportamental do discurso: Fundamentos e método. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 101-109. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000100012>
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Catania, A. C. (1980). Autoclitic process and the structure of behavior. *Behaviorism*, 8(2), 175-186. <http://doi.org/10.2307/27758965>
- Catania, C. A. (2007). *Learning*. (4th Ed.). New York: Sloan Publishing.

- Del Prette, A., & Del Prette Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2009). Componentes não verbais e paralinguísticas das habilidades sociais. In Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (pp. 147-186). São Paulo, SP: Vozes.
- Guerin, B. (1994). Attitudes and beliefs as verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 17(1), 155-163. <https://doi.org/10.1007/bf03392661>
- Guimarães, L. (2004). *A cor como informação: A construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 3ª. ed. São Paulo: Annablume.
- Hübner, M. M., Austin, J., & Miguel, C. (2008). Effects of praising qualifying autoclitics on the frequency of reading. *The Analysis of Verbal Behavior*, 24, 55-62. <https://doi.org/10.1007/bf03393056>
- Infante, D. A., & Rancer, A. S. (1996). Argumentativeness and verbal aggressiveness: A review of recent theory and research. *Annals of the International Communication Association*, 19(1), 319-352. <https://doi.org/10.1080/23808985.1996.11678934>
- Maloney, M. E., & Moore, P. (2019). From aggressive to assertive. *International Journal of Women's Dermatology*, 6(1), 46-49. <https://doi.org/10.1016/j.ijwd.2019.09.006>
- Marchezini-Cunha, V., & Tourinho, E. Z. (2010). Assertividade e autocontrole: Interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 295-304. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200011>
- Messa, L. C. S., Borloti, E., & Haydu, V. B. (2021). A produção da ironia verbal: O que controla o comportamento verbal do humorista profissional? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(1), 10-22. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i1.10630>
- Niland, H., & Ortu, D. (2020). Confessions selected by consequences: An operant analysis of false confessions and interrogation techniques. *Behavior and Social Issues*, 29, 162-194. <https://doi.org/10.1007/s42822-019-00025-8>
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Preti, D. (1998). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações.
- Sheyab, M., Pritchard, J., & Malady, M. (2014). An extension of the effects of praising qualifying autoclitics on the frequency of reading. *The Analysis of Verbal Behavior*, 30, 141-147. <https://doi.org/10.1007/s40616-014-0017-8>
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Speckman, J., Greer, R. D., & Rivera-Valdes, C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*, 28(1), 83-99. doi:10.1007/bf03393109
- Wade, J. A. (2018). (I think) You are pretty: A behavior analytic conceptualization of flirtation. *Perspectives on Behavior Science*, 41, 615-636. <https://doi.org/10.1007/s40614-018-0136-y>

